



Instituto Nacional de Câncer
Pça Cruz Vermelha 23
20.230-130 - Rio de Janeiro - RJ
Home page: www.inca.gov.br



Informe
194 Maio de 2005

Divisão de Comunicação Social / INCA.
Tragem: 5.000 exemplares
Edição: Danielle Segal.
Redação: Regina Castro.

Reportagem: Daniela Pontes Coelho, Filipe Souza, Gabriel Coelho e Amendoeira, Gilliana Ciminelli, Laís Maurillo Lima, Vanessa Piekny e Rodrigo Feijó.
Divisão de Comunicação Social (tel.: 2506-6103/6182): Maria Marques (chefe), Claudia Gomes, Fernanda Rena, Jacqueline Boechat, Kenia Di Marco, Marcos Vieira, Mariana Gomes, Angélica Nasser Harouche, Viviane Queiroga e Walter Zoss.

Projeto Gráfico: Imagemaker.
Diagramação: g-dés
Fotografia: José Antonio Campos e Carlos Leite.

Grupo de Comunicação Social: Mariene Carvalho (COAD); Maria Kadma da Silva e Kátia Moreira (HC I); Cassilda Soares e Patrícia Gomes (CRH); Rosa Valle e Marcus Valério (Compre); Cristiano Ponte e Neusa Cristina Lima (CPQ); Patrícia Oliveira (HC IV); Tânia Pimenta Moreira (CEMO); Ronaldo da Cunha (Assessoria de Gestão da Qualidade); Ana Paula Mattos e Benedita Gregório (INCAvoluntário); Myrian Fernandes (Divisão de Planejamento); Alexandre Carvalho (AFINCA); José Adalberto Oliveira (CEDC).

Avanços científicos em Biotecnologia são discutidos

O Núcleo de Desenvolvimento Tecnológico e Terapêutico (NDTT) do HC I promoveu, em 28 e 29 de abril, o I Seminário sobre Biotecnologia e Ciência: Realidade e Ficção, patrocinado pela FINEP. O evento contou com palestrantes de diversas entidades científicas do Brasil, como a Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Laboratório Nacional de Computação Científica e do próprio INCA.

Na abertura, a coordenadora de pesquisa do INCA, Marisa Breitenbach, fez uma apresentação das diversas linhas de pesquisa do Instituto. A seguir, o diretor geral do INCA, José Gomes Temporão, falou da importância do tema central do evento. “Atualmente, muita coisa tem sido dita sobre biotecnologia e

existe muito modismo a respeito do assunto. Um seminário como este explica o assunto e elucida possíveis dúvidas.”

Responsável pelo NDDT, a médica Raquel Maia, ressaltou que os investimentos nessa área são fundamentais para o progresso da biotecnologia e o tratamento do câncer, “mas não bastam por si só”. Segundo ela, não se pode esquecer que nem sempre as soluções são aquelas voltadas para a tecnologia de ponta. “Os principais determinantes para o surgimento do câncer não são puramente relacionamento à interação entre fatores genéticos, estilo de vida e meio ambiente. Portanto, é preciso promover esforços não só para o desenvolvimento na esfera da biotecnologia, mas também da epidemiologia”, destacou Raquel ([leia mais na Intranet](#)). ■

Irradiação pode causar alterações celulares

Uma pesquisa realizada pela citotecnologista e professora da Divisão de Patologia, DIPAT, Cátia Martins Leite Padilha, revelou que a maioria das pacientes portadoras de câncer de útero submetidas à radioterapia apresenta alterações celulares. Segundo Cátia, o diagnóstico dessas modificações é de difícil interpretação: pode ser atribuído tanto à persistência da lesão cancerígena quanto a um efeito de radiação.

“Como conseqüência podem surgir diagnósticos falso-positivos, conduzindo o indivíduo a uma biópsia desnecessária, ou diagnósticos falso-negativos, deixando a paciente de fazer a biópsia necessária. Em resumo, as alterações podem evoluir para uma

neoplasia maligna ou para um resultado negativo para a neoplasia, que seria apenas uma reação à radiação. Daí a importância da observação através do acompanhamento pelos exames preventivos”, explicou Cátia.

A pesquisa, que faz parte da tese de mestrado que Cátia desenvolve na UFRJ, foi realizada com 158 pacientes do INCA, com idades entre 35 e 88 anos, das quais foram retiradas de duas a seis amostras em um intervalo de 18 meses. Seu principal objetivo foi identificar nesse período a evolução das alterações celulares do colo uterino das pacientes submetidas à radioterapia.

Segundo a pesquisadora, a eficácia e os efeitos pós-radioterápicos são atestados

através do acompanhamento do exame preventivo ginecológico. Cátia acrescentou que o ideal é que as pacientes com neoplasia de colo uterino sejam acompanhadas por um período de três anos após o tratamento radioterápico, com revisões trimestrais. Após resultados normais, informa, ela poderá voltar a consultar-se anualmente. ■

▶ *Demora na ratificação da Convenção-Quadro no Brasil é tema fórum. Leia na Intranet.*

▶ *INCAvoluntário realizou novo treinamento. Veja na Intranet.*